

## Apresentação

*Denise Bernuzzi de Sant'Anna*  
*PUC-SP*

Se a existência é, em primeiro lugar, corporal, é no corpo de cada um que a passagem do tempo se faz carne e ganha o rosto singular de uma vida. Por isso, é pelo corpo que a morte se manifesta duplamente: finaliza uma existência específica e, ao mesmo tempo, ressalta a vida de quem não pereceu. A dureza de presenciar a morte do semelhante é, portanto, equivalente àquela de perceber a passagem inexorável dos anos, cujas marcas constituem a todos: da morte, nenhum corpo vivo escapa.

No entanto, estas marcas estão mergulhadas na história. E os modos de perceber, definir e de se relacionar com o corpo vivo e com o corpo morto não variam unicamente entre as culturas mas, também, entre as épocas. Morte como passagem, término ou transformação, morte como ascensão da alma e finitude do corpo, ou como uma manifestação permanente da vida, morte pensada como castigo e eterno tabu, assunto pouco aprazível, ou, ao contrário, tema de grande importância, caminho da salvação, índice repleto de sentidos sobre os comportamentos humanos ... Mas as interpretações e maneiras de viver este acontecimento não são mais complexas nem mais ricas do que as formas de definir e perceber a densidade do próprio corpo. Vivo ou morto, o corpo não cessa de escapar ao controle humano, ao total desvendamento, seja da ciência, seja da fé. Tarefa sem fim esta de conhecer a realidade corporal de cada um, pois o corpo é aquilo que temos de mais familiar e, ao mesmo tempo, de mais estranho. Sua existência aca-

lenta, surpreende e inquieta. O antigo desejo de compreender e controlar o próprio corpo é equivalente portanto à secular vontade de vencer a morte.

A complexidade deste vínculo incontornável entre o corpo e a morte inspira o conjunto de trabalhos aqui publicados. Mais uma vez, os Cadernos do CEOM oferecem diversas perspectivas de estudo sobre problemas tão antigos quanto atuais. Mais uma vez, as contribuições vêm de pesquisadores especializados em épocas e culturas diferentes, tornando possível ao leitor adquirir informações singulares e partilhar de inúmeras questões sobre um mesmo eixo temático. Além dos artigos com teor filosófico ou histórico, inspirados em autores bastante diferentes, o corpo e a morte são, nesse número, analisados a partir dos traços da cultura material e sensível de diferentes locais do Brasil: da "intimidade fúnebre em Serrote, na Bahia", ao controle do corpo em clubes catarinenses, passando pelos tratamentos do corpo e da morte em São Paulo e em outras regiões do país, os trabalhos aqui publicados fornecem um panorama significativo dos modos de tratar e representar alguns dos principais enigmas da vida. Também contribuem para subsidiar metodológica e teoricamente as reflexões sobre este campo do saber cuja presença histórica dos cinco sentidos desafia repetidas vezes as ciências humanas. É o caso, por exemplo, do artigo que abre este volume, de Sérgio Luis Persch, sobre a representação moderna da morte e do corpo, no qual o questionamento de argumentos filosóficos e teológicos fornecem um maior entendimento sobre a construção histórica da subjetividade moderna. Investigar esta construção é, sem dúvida, um grande desafio e pressupõe uma pesquisa minuciosa sobre as infinitas descobertas do corpo -

realizadas pela ciência, pela magia, entre outras - ao longo dos séculos: sempre descoberto, jamais, contudo, totalmente revelado.

Na verdade, quando Lucien Febvre perguntou se era possível escrever a história do amor, da piedade, da crueldade, da alegria e da morte, vários pesquisadores já aceitavam o desafio de afirmar o caráter paradoxal dos estudos sobre o corpo: constantemente vasculhado, nunca, porém, completamente decifrado. Uma das razões que explicam este paradoxo está na espessura cultural encarnada corporalmente, em cada gesto, em cada aparência física e em todos os modos de tratá-la. Difícil e mesmo ocioso separar o corpo de sua cultura. Por meio da expressão cultural de uma determinada época e região pode-se melhor compreender os corpos e vice-versa.

Nesse sentido, o artigo de Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva e Elisabeth da Silva Passos, além de mostrar variações históricas nos sentidos atribuídos à morte, ressalta diretivas de gênero que sugerem importantes diferenças culturais nas maneiras de representar a morte no seio da Igreja Romana. Relações de poder e hierarquias sociais também podem ser detectadas em formas de sepultamento ainda pouco conhecidas, revelando um passado simbólico denso de informações sobre a especialização dos sepultamentos e relações de dominação dos vivos sobre aqueles que já pereceram. É o que demonstra o trabalho de Saul Eduardo Seiguer Milder, Lucio Lemes e Carlos Augusto Zimpel Neto sobre a morte nas sociedades pré-colônias que povoaram as terras meridionais da América do Sul. Dados etnográficos e históricos também orientam pesquisas sobre a morte e servem como fontes para a compreensão não apenas de períodos antigos na histó-

ria mas, igualmente, de suas relações com aqueles mais recentes. O artigo de André Luis R. Soares e de de Saul Eduardo Seiguer Milder sobre a morte na sociedade guarani oferece uma gama bastante rica de interpretações sobre o funcionamento do prestígio e das hierarquias entre estes índios, no curso de suas vidas. Já o artigo de Luis Soares de Camargo, outro exemplo, revela um instigante jogo de relações entre os corpos dos habitantes da cidade de São Paulo e suas práticas e representações culturais, em particular, àquelas vinculadas à morte e aos cuidados com o sepultamento, entre os séculos XVII e XIX. Em seu bojo, emergem relações de poder que envolvem famílias abastadas e religiosos, intolerâncias incontornáveis diante do sepultamento dos mais pobres, assim como dos criminosos e doentes contagiosos.

Em todos estes trabalhos, a morte é pensada como índice da vida, intimamente atrelada a seus modos de repartir no tempo e no espaço os interesses que caracterizam o cotidiano dos corpos vivos. Os ritos fúnebres são, portanto, constituídos culturalmente e possuem um grande poder indicativo, conforme mostra um outro trabalho aqui publicado, de Jairo Soares Rios Júnior. Abordando as “formas de bem morrer” em Serrote, o autor demonstra o quanto, especialmente antes da emancipação política desta região, as maneiras de lidar com a doença e o corpo sugerem a permanência de uma certa ambivalência entre morte e vida, ainda autorizada, vivida e compartilhada socialmente; ambivalência difícil de ser tolerada em grandes centros urbanos da atualidade, nos quais a morte e a doença são consideradas experiências opostas à vida. Tendem a ser representadas como se fossem anomalias passíveis de exclusão social.

É, também, na atualidade de uma grande cidade que a percepção do corpo e as exigências para mantê-lo sob controle ganham contornos muito diversificados. Há trabalhos publicados neste número que abordam esta tendência a partir de perspectivas específicas. Assim, por meio de uma pesquisa com usuários de drogas em Porto Alegre, por exemplo, Fernanda Delvalhas Piccolo revela um verdadeiro corpo a corpo entre os usuários e a droga e, ao mesmo tempo, uma percepção de determinados produtos que nem sempre associa-se ao vício. Diferente desta temática, o artigo de Débora Krischke Leitão destaca aspectos essenciais da prática da tatuagem nos dias de hoje, remetendo-se à sua história e indicando as inúmeras transformações de seus sentidos. Já Claiton Márcio da Silva trata do controle dos corpos de jovens no meio rural efetivado pelos investimentos na higiene pessoal e naquela da sua propriedade. A pedagogia das condutas se quer redentora, os cuidados com o corpo, a água, a plantação e todo espaço rural deveriam doravante passar pelo novo crivo que recria incessantemente a separação entre modernidade e atraso graças a investimentos cotidianos sobre o corpo.

Por fim, em "Expressões e Experimentos", de Sandra Maragarete Abello, vai-se do texto escrito às imagens: diante da obra como "um ato", o leitor experimenta a invenção de um espaço-tempo cuja percepção é por vezes rala e que, no entanto, deixa marcas, trilhas, expressando sempre os vínculos entre morte e vida, suas passagens, ambiguidades e ambivalências. Fazer da vida um experimento, uma *arte em obra*; nada além do que a expressão de um pequeno grande encontro entre a densidade da história e a fugacidade do devir.